

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Jéssica Gonçalves Pimentel

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E FORMAÇÃO CONTINUADA:
o que temos e o que queremos**

Porto Alegre
2. semestre
2016

Jéssica Gonçalves Pimentel

Língua Brasileira de Sinais e Formação Continuada:
o que temos e o que queremos

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Emiliana Faria Rosa

Porto Alegre

2. semestre

2016

Dedico este trabalho à pessoa mais importante da minha vida, minha mãe, que esteve ao meu lado em todos os momentos, incentivando-me a sonhar, mas não esquecer nunca de manter os pés no chão e os olhos no futuro. Com ela, aprendi a valorizar cada momento, por mais difícil que fosse, mantendo sempre a fé em Deus e a esperança de que todo o esforço e dedicação viriam a ser recompensados de alguma forma. Sem o seu apoio incondicional, nunca teria chegado até aqui. Te amo, mãe!

Ao concluir este trabalho, gostaria de agradecer ...

... a Deus, fonte de força que me ergueu todas as vezes em que me encontrei desacreditada; também, fonte de toda a alegria que vivi e pude compartilhar com as pessoas que estavam à minha volta;

... ao meu pai, Paulo Renato Pimentel, por todo incentivo, atenção e amor dedicados a mim durante esses anos de graduação;

... ao meu padrinho, José Luiz Pimentel, meu dindinho lindo, por todo apoio e investimentos nos meus estudos e nos meus sonhos;

... à minha orientadora, Emiliana Faria Rosa, pessoa linda que conheci e ganhei a amizade falando sobre filmes, séries e guloseimas, e que desenvolveu uma paciência gigantesca cada vez que eu perguntava algum sinal da Libras que eu havia esquecido ou gostaria de aprender. Obrigada por aceitar orientar este trabalho, se preocupar comigo (me enviando a mensagem “escreva” de cada dia), e embarcar nos meus devaneios, abrindo meus olhos pra realidade e tirando um pouco do pó rosa que eu costumo jogar em tudo;

... à professora Fabiana de Amorim Marcello que, sempre com muito carinho, me aguentou em três semestres dentro do curso, sendo a minha professora diva das divas, peça fundamental na minha formação como Pedagoga. Obrigada por cada conversa, conselho e puxão de orelha;

... à professora Lodenir Becker Karnopp, minha orientadora de Iniciação Científica, responsável pelo meu acesso ao setor de Libras da UFRGS, e que me proporcionou experiências inestimáveis dentro da graduação;

... às minhas colegas/parceiras/amigas Bárbara Vieira e Rúbia Johann, que dividiram tantos momentos de trabalho, aprendizado e lazer comigo durante nosso período de Iniciação Científica;

... às professoras Liliane Giordani, Adriana Thoma, Carolina Hessel, Bianca Pontin, Ana Luiza Paganelli e Claudio Mourão pelo carinho e disponibilidade, ensinando e estimulando o meu aprendizado da Libras;

... à equipe TILS, Angela Russo, Celina Xavier, Adriana Arioli e Celeste Ritt por compartilharem um pouco dos seus conhecimentos comigo, sempre sorridentes e receptivas;

... à Laura Fattore Serres, ex-colega da Matemática a qual só conheci de verdade quando nos encontramos na transferência para a Pedagogia, mas que se manteve presente desde o nosso primeiro dia de aula em 2013 e estará sentada ao meu lado no dia da formatura. Obrigada pela amizade sem exigências; por entender meu silêncio e me ajudar mesmo sem eu pedir ou perceber;

... à Juliana e Pâmela por todas as noites de desabafos e conselhos, por toda a preocupação e cuidado, por todos os momentos que nos possibilitaram amadurecer juntas no decorrer do curso. Vocês foram fundamentais nessa conquista;

... às minhas amigas, Carolina e Tatiana pela amizade e companheirismo. Amo vocês;

... aos meus amigos *Phynos*, Carlisa, Edimara, Gabriela, Maria e Pedro por fazerem desses 4 anos os mais alegres (ainda que difíceis) da minha vida;

... à professora Sandra Andrade, querida paraninfa, banca da minha transferência de curso e docente marcadamente inspiradora;

... às professoras Tânia Fortuna, Roseli Hickmann, Luis Armando Gandin, Clarice Traversini, Sergio Lulkin e Helena Dória por suas aulas memoráveis.

***I gotta have roots before branches
To know who I am before I know who I wanna
be
And faith to take chances
To live like I see
A place in this world for me***

Roots Before Branches - Room For Two

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as possibilidades de uma formação continuada em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para isso, foi feito um paralelo sobre a oferta de cursos de graduação e especialização em universidades federais e particulares no Estado do Rio Grande do Sul e a necessidade de tais cursos em prol de uma formação continuada para docentes. O tema teve origem em uma indagação sobre as perspectivas de um crescimento profissional na área após a conclusão do curso de graduação. A metodologia foi estruturada através das pesquisas exploratória, bibliográfica e documental na modalidade quantitativa, com o auxílio de questionário. Foram utilizados como material empírico os dados do Censo Demográfico de 2010, informações sobre as disponibilidades de formação coletadas por meio de sites e e-mails de oito instituições de ensino e a legislação específica sobre formação e ensino da Libras. A análise destes dados foi feita a partir de tabelas comparativas e gráficos, explicitando as respostas obtidas no decorrer da pesquisa; relacionando o que acredita-se que há, o que efetivamente existe, e o que deseja-se dentre o que foi pesquisado.

¹**Palavras-chave:** Libras; Formação Continuada; Oferta de Cursos.

¹PIMENTEL, Jéssica Gonçalves. **Língua Brasileira de Sinais e Formação Continuada: o que temos e o que queremos.** Porto Alegre, 2016. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Índice Populacional Detalhado do Estado do Rio Grande do Sul	29
Figura 2 - Tabela Comparativa Das Ofertas das Universidades Pesquisadas	30
Figura 3 - Gráfico “Questionário de Pesquisa” Questão 1	32
Figura 4 - Gráfico “Questionário de Pesquisa” Questão 2	32
Figura 5 - Gráfico “Questionário de Pesquisa” Questão 3	33
Figura 6 - Gráfico “Questionário de Pesquisa” Questão 4	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 A ORIGEM DE TUDO	11
1.2 A PESQUISA	13
2. METODOLOGIA	15
3. REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	18
3.2 FORMAÇÃO CONTINUADA.....	21
3.3 LEGISLAÇÃO.....	25
4. ANÁLISE DOS DADOS OBTIVOS	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6. REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

Em um estado como o Rio Grande do Sul (RS), com uma população estimada de 11.286.500², e observando as constantes mudanças que o sistema de ensino básico e superior vem sofrendo no país, a discussão sobre a importância de uma educação sólida, que ultrapasse as estratégias de memorização para avaliações específicas, faz-se imprescindível.

Contudo, com um número aproximado de 617.244³ habitantes entre surdos e pessoas com algum nível de deficiência auditiva⁴ no Estado, como tais mudanças na educação os afetam? Para uma melhor base educacional, é necessário que haja uma formação de qualidade não apenas nos ensinos fundamental e médio, mas também no nível superior, a fim de formar profissionais conscientes e aptos para a vida profissional e social. Sendo assim, esta pesquisa apresenta um estudo sobre a Língua Brasileira de Sinais e uma formação continuada específica, tanto na graduação quanto na especialização.

1.1 A ORIGEM DE TUDO

Refletindo sobre minha trajetória no curso de Pedagogia, comecei a questionar o que faria, após a formatura, com a formação que estava recebendo. Dentro deste

² Censo Demográfico 2010.

³ Censo Demográfico 2010.

⁴ Segundo dados do Censo Demográfico do estado do Rio Grande do Sul do ano de 2010, o IBGE considera deficientes auditivos com alguma dificuldade de audição, grande dificuldade e os que não conseguem ouvir de modo algum. Neste trabalho, considera-se o número como a quantidade de surdos que utilizam ou não a Libras como língua oficial de comunicação.

pensamento, percebi como pouquíssimos colegas voltam-se dentro da universidade para a área da Educação Especial, especificamente a Educação Bilíngue para Surdos e, logo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A maioria dos discentes concentra-se na Educação Infantil, na Linguagem; outros optam pela Literatura e pelas Artes (Música, Teatro e Artes Plásticas); e até a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que, mesmo sendo deixada um pouco de lado no currículo do curso, é tratada com mais atenção por parte dos alunos do que o estudo da Língua Brasileira de Sinais.

O ponto fundamental o qual me motivou a escrever este trabalho, é o uso da Língua Brasileira de Sinais. A convivência com Surdos em diferentes ambientes (faculdade e trabalho, por exemplo), permitiu-me compreender a importância do conhecimento e propagação da Libras, não apenas entre Surdos, mas para quaisquer pessoas. Tal afirmação é feita não apenas por uma vontade de aprofundar-me na língua e por todo o entusiasmo envolvido, mas por já ter presenciado momentos em que a Libras se faz extremamente necessária e não havia quem a compreendesse para estabelecer uma comunicação com o surdo.

Durante um ano e meio, pude conviver com professores surdos enquanto era bolsista de Iniciação Científica no projeto “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, tendo por orientadora a Professora Doutora Lodenir Becker Karnopp. Inserindo-me, timidamente, em conversas com intérpretes e professores da área, pude aprender incontáveis sinais, estrutura gramatical, e entender que a Língua de Sinais vai muito além de uma hora e meia semanais, durante um semestre, assistindo o/a professor(a) se esforçar para resumir toda uma vida de conhecimentos, aprendizagens e experiências. Assim como acontece com a Libras, não se pode concentrar todo o conteúdo da Língua Portuguesa em um período de seis únicos meses e considerar-se apto ao diálogo, leitura e escrita.

Percebendo todo o contexto em que a Libras se encontra e como me coloco nele, o que fazer agora? Mais de dois anos me relacionando com esse mundo que, até então, era desconhecido para mim, e que hoje permeia meus planos futuros, mas sem saber como carregá-lo comigo para através dos muros da UFRGS⁵. Como formanda do curso de Pedagogia, não me sinto pronta para lecionar, por exemplo, uma sala de aula com

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

alunos surdos. Ainda que tenha um conhecimento um pouco mais amplo do que a maioria dos meus colegas, necessito de muito mais tempo de estudos e experiências dentro da cultura surda para sentir-me, no mínimo, confortável com o nível de vocabulário para uma conversação em Libras.

Em uma etapa tão importante como o semestre de conclusão de curso, onde finaliza-se uma fase, dando início a uma nova etapa carregada de planos e sonhos, a pergunta que me fez perder noites de sono foi (e ainda é) “o que eu farei depois da formatura?”. A certeza é a de querer me especializar, crescer na área da Libras, inovar, mas, como?

O pouco espaço dentro da universidade à Libras é observado com a obrigatoriedade da disciplina apenas para as Licenciaturas e Fonoaudiologia, deixando esta disciplina em caráter eletivo para todos os outros cursos. Observa-se que as universidades seguem o decreto ao oferecer a disciplina, mas, por muitas vezes, ignoram que a Língua Brasileira de Sinais é uma das línguas reconhecidas por lei no país e deveria ser de conhecimento geral da população. Sendo assim, como encontrar um lugar idôneo e gratuito para prosseguir com os estudos?

Se médicos, engenheiros, advogados e até professores, dentre tantos outros profissionais, desconhecem o significado da palavra “Libras”, confundindo até mesmo com o Braille⁶, como inserir-me em um mercado que necessita de pessoas especializadas, mas que não apresenta oferta de cursos de graduação ou especialização específicos? Quantos surdos terão de recorrer à escrita em dispositivos móveis ou em papel para comunicarem-se em locais de atendimento básico e, principalmente, público? E, caso o surdo não saiba escrever, como acontecerá a comunicação? E, mais especificamente: como acontece a educação dos alunos surdos se faltam professores capacitados e fluentes em Libras nas salas de aula?

1.2 A PESQUISA

⁶ Sistema de leitura e escrita de caracteres em relevo utilizado de maneira tátil por cegos.

Tendo em vista os questionamentos acima, este trabalho faz um paralelo sobre a oferta de cursos de graduação e especialização em Língua Brasileira de Sinais em algumas universidades federais e particulares no Estado do Rio Grande do Sul e a necessidade de tais cursos em prol de uma formação continuada para docentes.

O objetivo geral da pesquisa visa analisar as possibilidades de uma formação continuada em Libras, tendo como objetivos específicos: apresentar as ofertas na graduação e especialização de cada universidade; comparar universidades federais e privadas e suas respectivas ofertas de ensino, visando apontar quais os cursos e onde se encontram; e, por fim, buscar expor um retrato da realidade e da necessidade da oferta de tais cursos.

A escolha do tema surgiu devido a questionamentos originados no decorrer dos últimos semestres da graduação, gerando expectativas em um futuro de ensino e pesquisa de Libras a quem se interessar pela área desta língua.

Justifica-se a escolha do tema pela relevância social e acadêmica existente no contexto da Libras, buscando uma maior compreensão da necessidade de um estudo ampliado a respeito da Língua Brasileira de Sinais, sua interpretação e ensino. A contribuição advinda de uma formação continuada na língua se apresenta na busca por melhores cargos na educação através de uma formação completa e sequenciada.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, utilizei as pesquisas exploratória, bibliográfica e documental com caráter quantitativo, através de questionário, tendo por objetivo analisar as possibilidades de uma formação continuada em Língua Brasileira de Sinais, coletando, principalmente, dados sobre a sua oferta em universidades federais e particulares do Rio Grande do Sul.

Também podendo ser classificada como pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2007), a pesquisa exploratória permitiu a familiarização com o assunto definido para esta pesquisa, aprofundando-me no mesmo e tornando-o mais explícito, auxiliando no desenvolvimento dos objetivos. Para pesquisa exploratória, utilizei-me de conversas informais com surdos do meio acadêmico e ouvintes em caminhos de conclusão de curso de graduação nos espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possibilitando-me um encontro da teoria e da prática no meio acadêmico.

Quanto à pesquisa bibliográfica, Cervo e Bervian (1976, p. 69) observam qualquer tipo de pesquisa em qualquer área do conhecimento, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação em questão, quer para a fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa. Através de tal modalidade de pesquisa, aprofundei-me em alguns conceitos sobre a Libras e a formação continuada, possibilitando esclarecê-los em relação a este trabalho. Por meio de Gesser (2009), Saussure (1995), Quadros e Karnopp (2004) e outros autores, pude unir reflexões e teoria, complementando a construção teórica deste trabalho.

Somaram-se, então, ao *corpus* de pesquisa, algumas estatísticas fornecidas pelo Censo Demográfico do ano de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE)⁷ e a legislação referente ao ensino da Língua de Sinais e seu reconhecimento no país.

Utilizei-me da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências, e do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, para a análise documental. A partir de tais documentos e dos dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE sobre o Rio Grande do Sul pude fundamentar a pesquisa documental, ficando claro que:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Visto isso, foi feita uma abordagem quantitativa, buscando relacionar os diferentes dados coletados de forma a esclarecê-los. Essa abordagem, segundo Gressler (2003), “caracteriza-se pela formulação de hipóteses, definições operacionais das variáveis, quantificação nas modalidades de coleta de dados e informações, utilização de tratamentos estatísticos”. Com isto, tal modalidade de pesquisa acaba por precisar os resultados, evitando equívocos tanto na interpretação dos dados quanto na análise dos mesmos.

Para tais definições de pesquisa, apropriei-me dos caminhos utilizados por Moura (2015) e Soares (2015) em seus trabalhos de conclusão de curso de graduação e especialização, respectivamente. Ambos foram de extrema valia para auxiliar-me a conduzir este trabalho de maneira clara e objetiva através da metodologia escolhida.

A pesquisa foi estruturada a partir do levantamento de dados específicos dentro de quatro instituições particulares de ensino superior e quatro universidades federais, todas localizadas no Estado do Rio Grande do Sul. Tais dados tratam da oferta de cursos de graduação, extensão e especialização em Libras dentro dos oito locais selecionados, e foram obtidos através da busca nos portais da internet de cada instituição de ensino, via correio eletrônico e entrevista estruturada online.

⁷ Passados seis anos, o Censo mostra-se antigo e impreciso, não abrangendo a totalidade dos casos e situações.

Por questões éticas, não mencionarei os nomes das universidades pesquisadas. Ao citá-las, utilizarei Universidades A, B, C e D para as quatro instituições de ensino superior federais, e Universidades E, F, G e H para as quatro privadas.

A análise dos dados coletados realizou-se por meio de tabelas e gráficos gerados a partir das respostas obtidas. Os resultados foram organizados com o fim de explicitar de maneira clara as diferenças e semelhanças encontradas entre as oito universidades em relação aos objetivos definidos para esta pesquisa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Para poder falar sobre a Libras e suas especificidades, primeiro se faz necessário um esclarecimento básico: Língua, e não linguagem, de Sinais. Qual a diferença entre estas duas palavras tão próximas? Para responder a esta questão, um estudo breve sobre ambas, língua e linguagem, será construído ao longo deste texto a fim de embasar a afirmativa e explicitar algumas características e particularidades da Libras.

Ao falar sobre os conceitos e implicações a respeito da Língua, Saussure (1995) deixa claro que:

Ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela. É um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (1995, p. 17).

Sendo assim, fica claro que a língua se constitui dentro da linguagem, mas ambas não podem ser consideradas como o mesmo. A linguagem é heterogênea, sendo física, psíquica e fisiológica. Não é algo que pode ser categorizado, pertencendo ao "domínio individual e ao domínio social" (SAUSSURE, 1995, p. 17), e o seu exercício nos é dado de forma natural. A língua, por outro lado, é homogênea e "constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele" (SAUSSURE, 1995, p. 17).

Ao falar sobre a língua, temos como sua principal função a comunicação e expressão do pensamento humano, sendo convencionalizada, independente da natureza do signo convencional. Saussure (1995, p. 18) afirma ainda que "não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua", completando ainda com o trecho a seguir:

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade - natural ou não - de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (SAUSSURE, 1995, p. 18).

Com esta passagem, Saussure põe à prova a obviedade da língua como principal ponto de estudo da linguagem, visto que uma necessita da outra, e a construção da língua implica em relações interpessoais. Só se adquire uma língua se sua propagação coletiva, independente do número de pessoas, for efetiva e contínua. Língua e linguagem estabelecem, então, uma relação de dependência direta e natural, como explicam Quadros e Karnopp (2004):

Pode-se dizer que uma língua natural é uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários. (2004, p. 30).

Portanto, expressar pensamentos, ideias, sentimentos, de maneira a comunicar-se em um meio social é a principal função da língua, podendo ser utilizada de acordo com a sua produção e modalidade de percepção da mesma, tais como: oral-auditiva (português, inglês, espanhol, por exemplo) ou visuoespacial, que são as línguas de sinais espalhadas pelo mundo. Neste ponto, então, temos a justificativa clara para a afirmação que principiou este capítulo: temos Língua de Sinais, e não, linguagem.

Tal como as demais línguas existentes no mundo, a Língua Brasileira de Sinais é considerada como natural. Entre si, as línguas de sinais compartilham especificidades que as distinguem dos outros sistemas de comunicação.

As línguas de sinais, são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Segundo Quadros e Karnopp, a Libras atende todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, tanto no léxico quanto na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Ela não é, por hipótese alguma, uma linguagem mímica definida para ajudar o surdo. Assim como o inglês é difundido mundialmente e considerado uma das línguas mais faladas no mundo, a Libras tem a mesma função e

pode ser aprendida por qualquer pessoa. Gesser (2009), então, explicita a extrema relevância do caráter linguístico da Libras como língua natural:

A língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais. (GESSER, 2009, p. 21-22).

Em sua estrutura, a Língua de Sinais apresentava, inicialmente, para cada sinal, pelo menos três partes independentes (em analogia com os fonemas da fala) - a localização, a configuração de mãos e o movimento - e cada parte possui um número limitado de combinações, tal qual o português escrito e falado. Hoje é definida com cinco parâmetros fonológicos, sendo eles: configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão corporal e/ou facial.

Tratando da realidade, temos vários idiomas, assim como várias línguas de sinais as quais não são vinculadas diretamente às línguas orais. No Brasil, a Libras; nos Estados Unidos, a American Sign Language (ASL), por exemplo. Cada país, estado ou mesmo região possui variações linguísticas assim como as línguas orais também possuem.

Estudados, resumidamente, os conceitos de língua, linguagem e de como a Libras se apresenta, forma-se um conjunto plausível de tópicos para considerar qual a importância da Língua de Sinais dentro da educação, considerando, também, a questão do bilinguismo⁸ abordada na Lei 10.436. Gesser (2006) relembra em sua tese como o bilinguismo não costumava ser admitido, ignorando toda a bagagem existente dentro da cultura surda e considerando o sujeito surdo como deficiente e inapto a qualquer tipo de língua natural. A Libras não tinha um reconhecimento como língua e o português não parecia alcançar as expectativas esperadas e exigidas por grande parte dos ouvintes, tornando o conceito “bilíngue” inapropriado.

Surdos fluentes em sua língua natural, a Libras, devem aprender o português na modalidade escrita assim como ouvintes da Língua Portuguesa devem aprender a Língua de Sinais. Para que isto aconteça, ambos os lados necessitam de aprendizado

⁸ Neste trabalho considera-se o bilinguismo surdo (a Libras como primeira língua (L1) e o português como segunda língua (L2)) e ouvinte (o português como L1 e a Libras como L2).

adequado para reproduzirem os conhecimentos obtidos, a fim de permear as duas línguas em seus ambientes de vivência.

A Libras não se trata apenas de uma forma de comunicação entre surdos. As possibilidades de comunicação a partir da Língua de Sinais não são limitadas a apenas um grupo homogêneo de pessoas. Há de se considerar que pais ouvintes podem ter filhos surdos e pais surdos podem ter filhos ouvintes.

Limitar o uso da Libras apenas para surdos desconstrói a ideia de comunicação ampla e difundida, ignorando as possibilidades de uma família e/ou comunidade formada por surdos e ouvintes. Não só a importância para o desenvolvimento da criança e do jovem surdo, mas o uso da Língua de Sinais mostra sua relevância na educação quando utilizado pela comunidade escolar, promovendo maior interação e comunicação entre todos, abrangendo a relação surdo-surdo e surdo-ouvinte.

3.2 FORMAÇÃO CONTINUADA

A ideia de prosseguir com os estudos em uma determinada área, com a finalidade de se aprofundar, saindo da zona de conforto propiciada pela graduação, vem sendo cada dia mais necessária. Na docência, quanto mais tempo e energia dedicados a determinado assunto, mais apropriado o sujeito se torna. Estas são, então, algumas características de como se constitui a formação continuada. Para Arroyo (2009, p. 114), "os professores e as professoras [...] além de dominarem os conteúdos de sua matéria ou área, têm de dominar como educadores os conteúdos de seu ofício, as teorias pedagógicas que os fundamentam".

Não basta uma formação em licenciatura para uma fundamentação plena e objetiva em determinada área, frente às inúmeras possibilidades encontradas dentro da educação, tais como artes, linguagem, gestão, inclusão, e as ramificações originadas de cada uma dessas áreas. Para isto, assim que encontrado o foco de especialização, seguir os estudos através de uma formação continuada (FC) proporcionará mobilidade e progressão na carreira escolhida, além de um maior domínio sobre o que se tem o

intuito de ensinar, assegurando complemento, aprofundamento e atualização dos conhecimentos e competências.

O significado para a formação continuada pode ser diferente para cada pessoa, dependendo de como ela interpreta e almeja fazer uso da FC. Pode ser observada tanto em cursos para uma formação posterior à finalização da graduação, como também através de cursos de nível técnico e superior para um maior conhecimento da área desejada.

A própria graduação pode servir como formação continuada se tiver um caráter de sequencial. Para alguém que está concluindo o curso de Licenciatura em Pedagogia (ou alguma outra Licenciatura), mas deseja um maior conhecimento em línguas, pode escolher uma graduação em Letras/Libras, por exemplo. A segunda graduação complementar a formação anterior com maior foco na área de interesse, mas ainda abrindo espaço para demais cursos de especialização, mestrado e doutorado. Os sentidos empregados no conceito de formação continuada dependem de qual âmbito o estudante faz parte.

A oferta de cursos à distância e semi-presenciais aumentou consideravelmente. Isto se deve a uma demanda crescente de cursos que apresentem caráter preparatório e atualizado frente a alguns cursos de formação de professores sem uma base concreta, aprofundada e contendo prática e teoria de forma efetiva.

O problema em questão não está em tamanha variedade e possibilidades de estudo, mas na qualidade dos mesmos. Algumas das instituições que oferecem tais cursos não apresentam avaliação oficial do Ministério da Educação (MEC), ou não têm uma avaliação tão boa.

Neste vasto mar de cursos que podem propiciar a desejada continuidade na formação docente, diferenciar os bons dos não tão bons locais de ensino torna-se um desafio. Além disso, dentre todas estas instituições de ensino, a grande maioria é particular e, em parte delas, os preços são elevados e a qualidade nem sempre é tão boa. Estes são os locais com maior divulgação de vagas, entretanto, as convicções sobre o nível de ensino, estrutura e corpo docente são incertas.

A formação continuada se tornou um dos requisitos para conquistar vagas importantes de emprego, sendo caracterizada como um meio de atualização constante

das principais áreas de conhecimento. Partindo dos discursos de atualização e necessidade de renovação, é quase que imprescindível ter uma formação além da graduação para galgar melhores posições no mercado. Uma formação contínua, que mostre o aprofundamento e destaque que se dá à determinada(s) área(s), desperta maior interesse por parte dos contratantes e uma educação mais consistente e própria para o ensino.

Assim como a formação continuada tem a possibilidade de completar, ou tentar completar, um histórico escolar precário, também toma a posição de aprofundamento e avanços do conhecimento, como explicitado por Esteves e Rodrigues, sendo

aquela que tem lugar ao longo da carreira profissional após a aquisição da certificação profissional inicial (a qual só tem lugar após a conclusão da formação em serviço) privilegiando a ideia de que a sua inserção na carreira docente é qualitativamente diferenciada em relação à formação inicial, independentemente do momento e do tempo de serviço docente que o professor já possui quando faz a sua profissionalização, a qual consideramos ainda como uma etapa de formação inicial. (1993, p. 44-45).

Portanto, após a conclusão da primeira faculdade, ainda que a maneira escolhida para continuar o aprendizado seja outro curso de graduação, este será considerado como uma formação continuada, dando sequência ao ensino que foi iniciado com a primeira certificação profissional.

Completando o que dizem Esteves e Rodrigues, Formosinho (1991) afirma que "o conceito de formação contínua distingue-se essencialmente do de formação inicial não pelos conteúdos ou metodologias de formação, mas pelos destinatários". Desta maneira, independe a nomenclatura utilizada para o nível de ensino continuado, desde o que o mesmo tenha caráter sequencial, complementando a graduação já concluída.

O autor ainda destaca a diferença na faixa etária em cada fase do ensino. A graduação inicial tem seu destino para jovens, em sua maioria, vivenciando seu primeiro contato fora da educação básica. Já a formação continuada é aplicada àqueles que já concluíram esta primeira fase da vida adulta, somando vivências dentro da universidade e do meio de trabalho, buscando caminhos de prosseguir nos estudos de maneira mais madura e consciente, sem as mesmas incertezas que acompanham a juventude e a escolha de uma profissão. Formosinho (1991), então, resume tais considerações sobre a formação continuada como:

a formação dos professores dotados de formação inicial profissional, visando o seu aperfeiçoamento pessoal e profissional. A formação contínua visa o aperfeiçoamento dos saberes, das técnicas, das atitudes necessárias ao exercício da profissão de professor. (1991, p. 237).

Dentro do aperfeiçoamento pessoal e profissional referido por Formosinho (1991), encontram-se os porquês da necessidade de uma continuidade nos estudos e no que uma formação continuada implica para o indivíduo como profissional e pessoal, inferindo em seu meio social. A formação docente não se compõe apenas dos momentos em sala de aula da graduação, magistério ou a própria vivência quando se está na posição de professor, e não mais de aluno, dentro da sala de aula.

São as reações que se tem ao longo do caminho dentro da educação que incitam o desejo por obter cada vez mais conhecimento. Dentre tantos fatores possíveis, a necessidade somada ao amor por determinado assunto que acaba por ter o poder de motivar um aprofundamento naquilo, enxergando maneiras de auxiliar quantas mais pessoas for possível.

Para Formosinho (1991),

o aperfeiçoamento dos professores tem finalidades individuais óbvias, mas também tem utilidade social. A formação contínua tem como finalidade última o aperfeiçoamento pessoal e social de cada professor, numa perspectiva de educação permanente. Mas tal aperfeiçoamento tem um efeito positivo no sistema escolar se se traduzir na melhoria da qualidade da educação oferecida às crianças. É este efeito positivo que explica as preocupações recentes do mundo ocidental com a formação contínua de professores. (1991, p. 238).

Idealizar uma formação, esperando um conhecimento gradativo e permanente, vai além dos valores e princípios individuais. Ao investir tempo, energia e dinheiro em uma formação continuada, aplica-se uma mudança que ultrapassa os limites do conhecimento. As implicâncias sociais de um docente que se esforça para aperfeiçoar seus saberes no que escolheu fazer para viver, podem afetar positivamente o meio, tanto de trabalho quanto de vida pessoal.

Uma professora que escolhe prosseguir com os estudos em Língua de Sinais, seja como docente de qualquer disciplina em uma escola bilíngue ou intérprete, mostra para os seus próprios alunos, colegas de profissão, amigos e familiares uma desacomodação, saindo dessa zona de conforto e ampliando seus horizontes como educadora. Em um período onde se ouve tantos lamentos quando dito “sou professora”,

apaixonar-se por uma linha que compõe o “ser professor” desperta certa esperança em um sistema educacional atualmente tão desacreditado.

A mesma formação continuada que contribui para melhores cargos empregatícios, salários maiores, um currículo mais completo e desejado pelo mercado de trabalho, colabora, também, para um conhecimento pessoal e social muito mais amplo. Escolher estudar algo que vá implicar em mudanças que beneficiem o bairro, cidade, estado ou país que se vive, mas, principalmente, o próprio indivíduo, preenchem, aos poucos, os pequenos espaços vazios em uma sociedade que clama por uma base e estrutura educacional fortalecidas, começando com o próprio docente que se dispõe a aprender mais sobre algo que lhe despertou a atenção.

3.3 LEGISLAÇÃO

A legislação utilizada neste subcapítulo é recente no país e atribui alguns pontos específicos sobre a Língua Brasileira de Sinais no Brasil. Serão utilizadas a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências, e o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436 e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000, por serem primordiais para o esclarecimento da essencialidade da Libras e de uma formação continuada dentro da perspectiva bilíngue.

Em seu Artigo 1º, a Lei nº 10.436 deixa claro que “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.” (BRASIL, 2002). Partindo disto, é garantido, segundo os artigos 2º e 3º da mesma lei (BRASIL, 2002), o atendimento e tratamento adequado ao cidadão surdo em instituições públicas de todos os gêneros e empresas que prestem serviços públicos, atestando maneiras de apoiar o uso e a difusão da Libras. Mais de dez anos passaram-se e a implementação da lei citada não parece ser total. Assim como muitas leis, a lei de Libras não é conhecida por uma grande parcela da sociedade,

o que dificulta uma prática socioeducacional. Dentre todos os locais onde ela deveria ser efetiva, estão as instituições de ensino públicas:

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (BRASIL, 2002).

Por “ensino da Língua Brasileira de Sinais”, temos, na verdade, o ensino inicial da língua. A Libras, assim como qualquer língua, não pode ser aprendida de forma completa somente em uma disciplina. Visto isso, a disciplina, na universidade, tem caráter introdutório; o aluno pode continuar estudando a Libras em disciplinas eletivas que continuem este aprendizado. Logo, o aprendizado da língua só é efetivo, contínuo, se seu período de estudo for ampliado, visando o conhecimento da cultura surda através da vivência e conversação da língua. Ainda que o aluno principie seus estudos sobre a Língua de Sinais dentro da universidade, cabe, também, a ele, buscar meios de praticá-la em seu cotidiano dentro e fora do ambiente da graduação.

Tal colocação deve-se a experiência obtida dentro da universidade, analisando meu próprio aprendizado na disciplina e a partir de conversas informais com colegas de turma. O relato geral foca no esquecimento dos sinais e de seus significados por não existir uma continuidade nos estudos e uma aplicação dos mesmos no cotidiano do aluno. O que nos leva ao princípio básico do aprendizado de qualquer língua: o estudo constante e fluência só firmam-se com uma busca permanente pelo conhecimento. Segundo o capítulo III do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que trata da formação de professores e instrutores de Libras,

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe. (BRASIL, 2005).

Para que o artigo 5º se aplicasse no meu caso, por exemplo, eu deveria estar cursando Pedagogia Bilíngüe (Português/Libras), o que não ocorre, pois não tinha conhecimento das ofertas disponíveis nas universidades federais e particulares existentes ao meu redor a respeito desta habilitação específica. Após a formatura, seria

possível que um estudante de Licenciatura solicitasse ingresso de diplomado para lecionar um conteúdo diferente da graduação que acabara de concluir? Segundo o artigo 4º do Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), sim. É prevista esta formação docente se cursada a graduação de licenciatura plena em Letras/Libras como segunda língua.

A pesquisa segue, então, buscando qual o amparo dado por lei para seguir os estudos na Libras de maneira gratuita ou paga, porém, onde o dinheiro empregado seja fundamentado em uma boa instituição. Dada a oferta até aqui conhecida, existe a possibilidade de uma capacitação através da formação continuada, com cursos profissionalizantes e pós-graduação.

Art. 7º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja docente com título de pós-graduação ou de graduação em Libras para o ensino dessa disciplina em cursos de educação superior, ela poderá ser ministrada por profissionais que apresentem pelo menos um dos seguintes perfis: I - professor de Libras, usuário dessa língua com curso de pós-graduação ou com formação superior e certificado de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação; II - instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação; III - professor ouvinte bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa, com pós-graduação ou formação superior e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação. (BRASIL, 2005).

Após mais de dez anos do Decreto ter entrado em vigor, como estão as condições para que surdos e ouvintes tenham a possibilidade de uma formação focada na Libras? Conforme explicitado no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o exame de proficiência mencionado ao final da citação feita acima, promovido pelo Ministério da Educação, Prolibras⁹, comprova e atesta surdos e ouvintes fluentes em Língua Brasileira de Sinais e aptos para ensino, tradução e interpretação desta língua, no ensino superior ou médio.

Visto isso, como buscar cursos que auxiliem no desejo de tornar-se proficiente sem conhecer a oferta de cursos específicos na área? Como me aprofundar em algo que, ainda que garantido por lei, não se sabe o que é oferecido pelas instituições de ensino?

Art. 11. O Ministério da Educação promoverá, a partir da publicação deste Decreto, programas específicos para a criação de cursos de graduação: I - para

⁹ Exame Nacional para Certificação de Proficiência no uso e no ensino de Libras e para Certificação de Proficiência na tradução e interpretação de Libras/Português/Libras.

formação de professores surdos e ouvintes, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que viabilize a educação bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua; II - de licenciatura em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos; III - de formação em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005).

Onde se encontram tais programas referidos no artigo 11? Reduzindo a procura, dentre 4 Universidades Federais e 4 Universidades Particulares selecionadas para esta pesquisa e existentes no Estado do Rio Grande do Sul, quais já contemplam o que afirma o decreto do ano de 2005? Segundo o artigo 12, as instituições de ensino superior que ofertam, principalmente, os cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, tem o dever de viabilizar uma formação continuada através de pós-graduação¹⁰ para o ensino da Libras e sua interpretação.

Ao cercar-me de conteúdo de qualidade e experienciar situações ricas referentes à Libras que possam capacitar-me como uma intérprete de Língua Brasileira de Sinais ou professora apta para ensinar, compartilhar e interpretar este conhecimento, não estarei apenas cumprindo o que garante a lei, mas, certificarei-me de que todo o empenho dedicado a este estudo não terá fim dentro das salas de aula de uma formação continuada. O que for aprendido durante a FC não se limitará àquele período determinado de formação, porém, acabará por ter outros destinos. Contando, obviamente, com uma postura de comprometimento, seriedade e ética para com o ensino e com a interpretação da Libras, fazendo bom uso do que me foi ofertado enquanto estudante desta língua.

¹⁰ Uma pós-graduação auxilia, porém, não forma completamente um profissional para interpretar ou ensinar de forma eficiente. A influência diária, a vivência, sim, acabam por enfatizar o que foi estudado.

4. ANÁLISE

Para analisar as possibilidades de uma formação continuada em Língua Brasileira de Sinais, como me dispus no começo deste trabalho, apresento, primeiramente, os números referentes à população do Estado do Rio Grande do Sul obtidos a partir do Censo Demográfico de 2010. No primeiro gráfico (Figura 1), são dispostos os níveis populacionais entre ouvintes, pessoas com alguma dificuldade de audição, grande dificuldade de audição e aqueles que não ouvem, tendo como base a população aproximada para o ano de 2010 (10.693.929 pessoas).

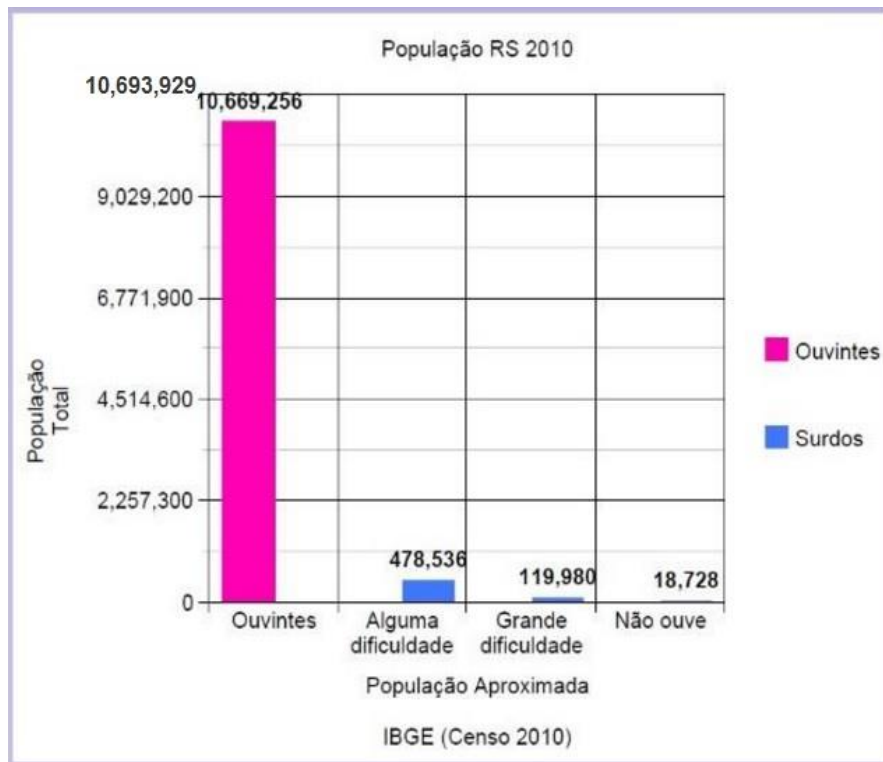


Figura 1 - Índice Populacional Detalhado do Estado do Rio Grande do Sul

Considerando surdos e ouvintes, conforme foi abordado ao longo da pesquisa, e sendo a população do Estado em 2010 de 10.693.929 pessoas, em média, temos um número de 10.286.500 ouvintes e 617.244 surdos. Para os fins deste trabalho, não são diferenciados estes dados, contudo, são apresentados à título de esclarecimento quanto

a diferença entre a população ouvinte e a os surdos (somando tanto surdos que têm a Libras como primeira língua como os que não tiveram desenvolvimento linguístico, e surdos oralizados que não têm conhecimento ou não aceitam a Libras, entre outros casos).

A análise se dará de maneira a alcançar respostas para os objetivos específicos desta pesquisa, os quais são: apresentar as ofertas na graduação e especialização de cada uma das oito universidades selecionadas; comparar as universidades federais e privadas apontando quais os cursos e onde se encontram; e analisar a realidade e a necessidade da oferta de tais cursos.

No princípio da pesquisa, foram visitados os portais online de cada universidade, buscando informações sobre os cursos de graduação e especialização disponibilizados para processo seletivo. Dentro dos sites, foram pesquisados os setores e órgãos responsáveis por cada segmento. O resultado desta busca por editais, listagens de cursos, linhas de pesquisa, é representado, simplificada, pela Figura 3:

UNIVERSIDADES	GRADUAÇÃO (curso/disciplina)	ESPECIALIZAÇÃO	OUTROS (extensão)
A	XX		X
B	X		X
C	X		
D	X		X
E	X		X
F	X		X
G	X		
H	X		X

Figura 2 - Tabela Comparativa Das Ofertas das Universidades Pesquisadas

Em verde, são apresentados os resultados encontrados nos sites das universidades federais; em azul, os resultados das universidades particulares. a tabela divide-se entre a representação de cursos e disciplinas de Libras na coluna

correspondente à graduação. Todas as 8 instituições de ensino oferecem uma disciplina de Libras obrigatória em seus cursos de licenciatura. Porém, a única instituição que oferta um curso de graduação tendo a Língua Brasileira de Sinais como a temática principal é a A, com o curso de Letras/Libras, recentemente adicionado à relação de graduação da Universidade.

Em nenhum dos portais das universidades foram encontradas informações a respeito de cursos de especialização onde a Libras fosse o centro dos estudos. Na coluna equivalente às ofertas de demais cursos (como o de extensão), foram registrados 3 cursos disponíveis dentre as 4 instituições privadas, e 2 cursos dentre as 4 instituições federais. Tais cursos resumem-se entre formação complementar e opcional para funcionários, comunidade e alunos, com carga horária reduzida, não passando de um semestre de duração.

Para respostas mais objetivas para os questionamentos que originaram e construíram a pesquisa, um questionário online foi desenvolvido e encaminhado para o endereço eletrônico das Pró-Reitorias de Graduação das 8 universidades. Apenas duas delas retornaram (B e H), resultando nos gráficos que seguem.

Pergunta 1: A Universidade oferece disciplina de Libras nos cursos de graduação?

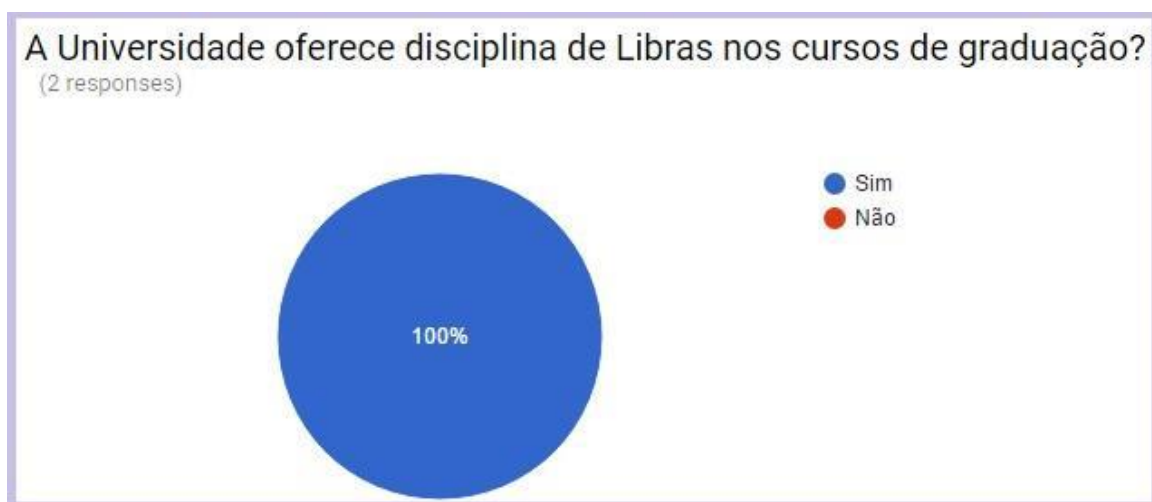


Figura 3 - Gráfico "Questionário de Pesquisa" Questão 1

Para esta questão, ambas as instituições de ensino responderam positivamente, confirmando a pesquisa feita em seus sites oficiais da internet.

Pergunta 2: Dentro os cursos ofertados pela Instituição de Ensino, quais têm a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como temática principal (excluindo disciplinas de Libras)?

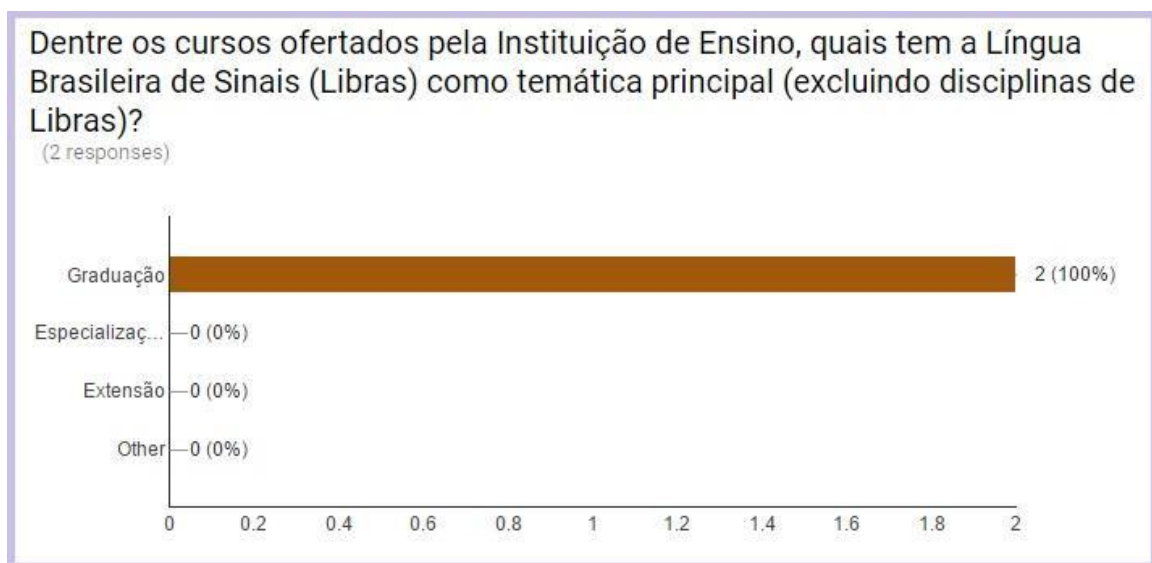


Figura 4 - Gráfico "Questionário de Pesquisa" Questão 2

A resposta foi, novamente, positiva para a indagação, porém, diferenciando-se do que já havia sido encontrado no portais das universidades. Se existem cursos de graduação específicos em Libras, há uma divulgação? Através de quais meios e com que frequência? Houve, então, uma má interpretação da questão, considerando os cursos de Licenciatura que possuem em seus currículos unicamente disciplinas de caráter obrigatório e eletivo, mas não abordam a Língua de Sinais como foco principal. Nota-se, também, a negativa sobre cursos de extensão, quando os mesmos foram encontrados na primeira etapa de pesquisa.

Pergunta 3: Com que frequência são divulgadas informações/editais sobre os cursos de Libras disponibilizados pela Instituição?



Figura 5 - Gráfico "Questionário de Pesquisa" Questão 3

Visto que a primeira forma de busca de dados resultou negativamente em uma oferta de cursos de graduação e especialização para as duas universidades respondentes do questionário, como haverá divulgação semestral de algo inexistente? Caso a pergunta anterior tivesse sido respondida com a presença de cursos de extensão (como foi verificado na primeira fase), justificaria-se esta resposta.

Pergunta 4: Quais os meios utilizados para tais divulgações?

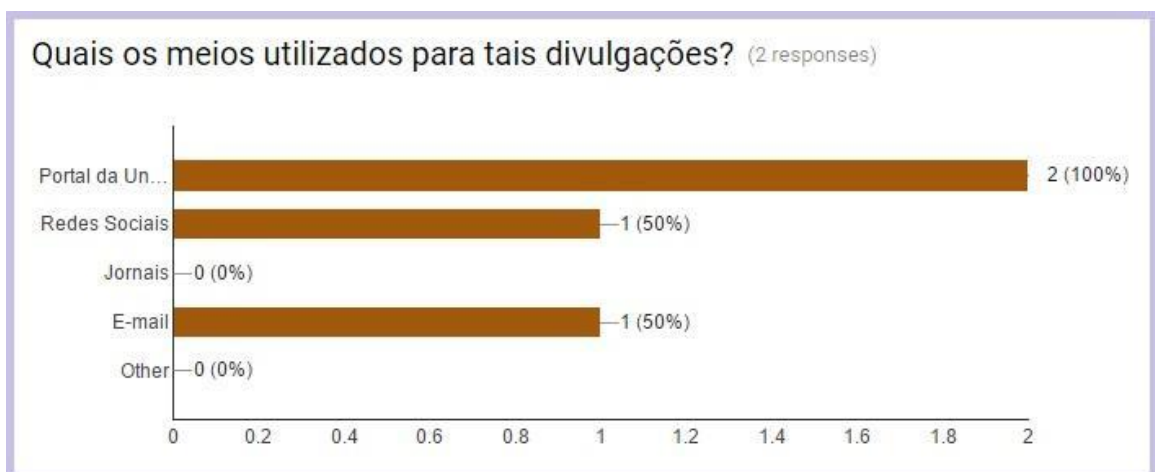


Figura 6 - Gráfico "Questionário de Pesquisa" Questão 4

Para a Universidade B, o único veículo utilizado para divulgar a oferta de cursos em questão é o Portal da Universidade. Já para a Universidade H, a divulgação é ampliada para além do portal, sendo utilizadas as redes sociais e e-mails. Considera-se, logo, que as respostas foram dadas de forma ampla, abrangendo as instituições de ensino em sua totalidade, fugindo da linha de questionamento construída.

A terceira e última forma de coleta de dados foi construída através do envio de um e-mail padrão para os departamentos específicos de cada instituição de ensino, assim como para as Pró-Reitorias de Graduação das 8 universidades. As mensagens foram enviadas, reenviadas e respondidas no período de 19 de agosto e 4 de novembro de 2016.

Bom dia!

Meu nome é Jéssica e curso o 8º semestre do curso de Pedagogia da UFRGS. Estou escrevendo meu Trabalho de Conclusão de Curso com a formação continuada em Libras como temática. Gostaria de saber se há curso de graduação em Libras (Pedagogia Bilíngue ou Letra/Libras) ou curso(s) de especialização específico(s).

Grata, desde então,

Jéssica Gonçalves Pimentel
Graduanda em Pedagogia - UFRGS

A Universidade B foi a única, entre as 4 universidades federais, a responder as mensagens enviadas. Em e-mail enviado pelo Núcleo de Acessibilidade da Universidade B no dia 29 de agosto de 2016, a mensagem foi a seguinte:

Boa tarde Jéssica!

A U*** não oferta o curso Libras (Pedagogia Bilíngue ou Letra/Libras) ou curso(s) de especialização específico(s).

Att
Bolsista Responsável.

Em 25 de outubro de 2016, a resposta dada pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade foi:

Jéssica

Boa dia!

Aqui na U*** não temos o curso de Libras, apenas disciplinas que são ministradas nos cursos de licenciatura.

Atenciosamente,

Assit. Adm. Assistente.

Ao contatar a Universidade H, a resposta obtida no dia 25 de outubro de 2016 foi a de que não havia oferta de cursos específicos de graduação ou especialização na instituição:

Prezada Jéssica,

comunicamos nossa Instituição não possui os cursos citados no e-mail.

Profª da Secretária Acadêmica

A Universidade E posicionou-se no dia 30 de agosto de 2016 com a seguinte mensagem:

Prezada Jéssica

Solicito que entre em contato com a Faculdade de Letras da ****, tendo em vista que no curso de Pedagogia, temos apenas uma disciplina de LIBRAS como curricular.

Att.

Encarregado de Secretaria

Ainda que novos e-mails fossem sendo enviados com o passar dos dias, buscando setores que fossem responsáveis pela temática de pesquisa em questão, não obtive mais respostas conclusivas. Cinco (5) universidades não responderam a nenhuma das mensagens, e seis (6) delas não se dispuseram a responder o e-mail onde era solicitado o preenchimento do questionário online com quatro questões objetivas.

Toda a pesquisa foi estruturada com a finalidade de descobrir o que realmente existe, com o foco na Libras, de oferta de cursos de graduação e especialização, contudo, a falta de respostas acabou por dificultar uma melhor compreensão da realidade estudada. É complexo explicitar o que temos e o que queremos dentro da formação continuada em Libras visto a falta de resultados, assim como estabelecer uma relação entre o que se deseja, o que efetivamente há e o que deveria existir, quando não se encontram caminhos para elaborar conclusões.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desejar seguir uma carreira em determinada área não é tão simples quanto parecia no começo deste trabalho. A cada leitura, a cada texto elaborado, mais e mais vontades surgiam e, com elas, sonhos. Sonhos estes que puderam ser construídos romanticamente nos meus pensamentos, sem medo de romper fronteiras para conquistar o que eu tanto queria. Descobri as particularidades de uma língua tão nova na minha vida, mas a qual tem uma longa existência, percorrendo, ainda, muitos campos, e conquistando cada vez mais espaço pelo mundo.

Conheci a Libras por outro viés e me dediquei a aprender mais e mais sobre ela, essa língua que me arrebatou de um dia para o outro, mas, também, aos poucos. Fui percebendo que levaria muito tempo para conhecê-la da maneira que almejo. Descobri que ela é lei, é direito.

Pesquisando, percebi que a Libras necessitava de uma complementação para fortalecer seu estudo, e busquei pela formação continuada. Ela também é lei e é direito, e pode contemplar os princípios exigidos pela Língua de Sinais. As duas juntas podem fazer uma diferença tão grande na vida de tantas pessoas. Quis, então, unir as duas dentro daqueles meus sonhos românticos e torná-los realidade. O problema é que a realidade não é romântica, e meus sonhos se enfraqueceram. Eles não sumiram, só ficaram levemente machucados com o que encontraram ao longo do caminho.

O paralelo entre o que existe e o que se gostaria que existisse é triste. Busquei com afincos provar que as leis colaboraram para um melhor desenvolvimento do que deveria ser natural, mas a resposta foi positiva apenas na perspectiva da lei, não das universidades. Três das 4 universidades federais pesquisadas não apresentam nem cursos de graduação e, tampouco, especialização tendo a Libras como temática principal. Nenhuma das 4 instituições de ensino privadas pesquisadas apresentam qualquer tipo de graduação ou especialização com a mesma temática. Os cursos de extensão oferecidos são de caráter complementar, acontecendo, muitas vezes, na modalidade à distância.

Os resultados obtidos ao final desta corrida para alcançar a Libras através de uma formação continuada de qualidade, representadas por 8 dentre as melhores instituições de ensino superior existentes no estado do Rio Grande do Sul foram tristes, mas motivadores. Ao pensar, enquanto concluo este trabalho, sobre o que farei com o que eu descobri nesses 4 meses de pesquisa, tenho a certeza de que o meu dever é seguir correndo em busca de mais e mais respostas.

Prosseguir na minha busca incessante pelo conhecimento e aprofundamento da Língua Brasileira de Sinais torna-se uma possibilidade de continuar anseando pela ampliação dos meus horizontes, lutando pela sua valorização, ensino e disseminação, e conhecendo a realidade aproximada dentro do meu próprio estado. Tomar coragem e buscar conhecer o que há além das fronteiras do Rio Grande do Sul e, quiçá, do Brasil, investigando as semelhanças e discrepâncias entre uma região e outra, e como a Libras é considerada e valorizada em cada uma delas.

6. REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Ofício de mestre: Imagens e auto-imagens**. 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BRASIL. **Decreto Federal nº 5.626/2005, 22 de dezembro de 2005**. *Regulamenta a Lei no 10.436*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 06 setembro 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.436/2002, 24 de abril de 2002**. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em 06 setembro 2016.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976.

ESTEVES, M; RODRIGUES, A. **A análise de necessidades na formação de professores**. Porto: Porto Editora, 1993.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FORMOSINHO, J. **Formação contínua de professores: Realidades e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GESSER, A. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”**: *Ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais*. Tese de Doutorado, Campinas: Unicamp, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 3ª ed. rev. atual. São

Paulo: Loyola, 2007.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rs>. Acesso em: 06 de setembro de 2016.

INEP. **Prolibras**. Disponível em: <http://www.portal.inep.gov.br/prolibras1>. Acesso: 06 de setembro de 2016.

MOURA, T. O. **Análise metodológica de mortalidade através do modelo de Lee & Carter no Rio Grande do Sul**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Matemática. Departamento de Estatística. Curso de Estatística: Bacharelado. Porto Alegre, RS, 2015. Orientadora: Marilene Dias Bandeira.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOARES, T. S. **Avaliação da política pública de saúde no Rio Grande do Sul: evolução, demanda e perspectivas. Especialização**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Curso de especialização em Gestão Pública (UAB). Porto Alegre, RS, 2015. Orientadora: Rosimeri de Fatima Carvalho da Silva.